**A trajetória de vida de Bia em uma família de ciganos: adaptação e resistência[[1]](#footnote-1).**

**Bia's life trajectory in a gypsy family: adaptation and resistance.**

Lailson Ferreira da Silva

Doutor em Ciências Sociais (UFRN), Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Resumo: Este artigo apresenta a trajetória de vida de Bia, não cigana, em uma família de ciganos que moram no município de Sobral, Ceará; e, mais especificamente como ela foi se tornando membro da família através de um processo marcado por adaptações, formas de resistências e preconceitos enfrentados ao longo de quinze anos vivendo como esposa de um cigano. Por meio de conversas informais e gravadas, procurei reconstruir sua trajetória de vida levando em consideração que esta não linear (Bourdieu, 1998), bem como é narrada a partir de enquadramentos (Pollak, 1992), ou seja, é permeada de escolhas e interesses. Para finalizar, traço pontos de interseção entre a história de vida de Bia e seu genro Márcio, não cigano. Isso também nos possibilita refletir sobre mudanças no padrão das relações entre ciganos e não ciganos.

Palavras chaves: ciganos, identidade, família, trajetória de vida.

Abstract: This article presents the life trajectory of Bia, not a gypsy, in a family of gypsies living in the municipality of Sobral, Ceará; and more specifically how she became a member of the family through a process marked by adaptations, forms of resistance and prejudices faced over fifteen years living as the wife of a gypsy. Through informal and recorded conversations, I tried to reconstruct its trajectory of life taking into account that this non-linear (Bourdieu, 1998), as well as it is narrated from frameworks (Pollak, 1992), that is, it is permeated by choices and interests. Finally, I draw points of intersection between the life story of Bia and her son-in-law Márcio, not Gypsy. This also enables us to reflect on changes in the pattern of relations between gypsies and non-gypsies.

Keywords: Gypsies, identity, family, life trajectory.

INTRODUÇÃO

No município de Sobral, localizado no estado do Ceará; encontramos um grupo de indivíduos que se reconhecem como pertencentes à família Cavalcante[[2]](#footnote-2). Nessa família, encontramos a presença de mulheres e homens não ciganos que estabeleceram ao longo dos anos uniões estáveis ou casamentos com ciganos (as).

O estabelecimento dessas uniões marca a entrada de não ciganos (as) em uma família de ciganos. Essa prática, mais recorrente entre os homens, ocorre desde o período da “vida de cigano”, ou seja, momento da vida definido em termos das andanças de um lugar a outro em intervalos de tempos “determinados” por diversas variantes: permissão de não ciganos para se arrancharem em suas terras, conflitos com a população local, relações amigáveis com as “autoridades” dos lugares por onde passavam, condições favoráveis para negociar, principalmente burros.

Goldfarb (2004), Silva (2010), Ferrari (2010), Souza (2011) e Fotta (2012) em seus respectivos contexto de pesquisa com ciganos no Brasil, também constataram a realização de diversas uniões entre não ciganos e ciganos. Ferrari (2010) ao procurar dar uma explicação para esse fenômeno social, afirma que em vez dessa prática se constituir como exceção, é parte integrante do sistema estrutural das relações calons[[3]](#footnote-3). O não cigano é, assim, quem conhece o funcionamento da vida calon e ao mesmo tempo oferece-lhe resistência.

Os não ciganos (as) integrantes da família Cavalcante em Sobral, não são definidos como parentes pelos ciganos quando se pensam em termos de compartilhamento de um sangue comum. Isso é observável quando alguém pergunta de quem se tratam; a resposta será inevitavelmente que são jurons ou jurins[[4]](#footnote-4); mas por viverem entre eles e compartilharem práticas e modos de pensar estruturantes de relações sociais, principalmente as que reforçam o modo de viver em família, essa forma de diferenciação é diluída nas relações cotidianas: “É juron, mas hoje, vive como cigano”. Entretanto, qual o lugar deles no contexto das relações familiares? E, mais especificamente, como um indivíduo passa a ser identificado como membro da família?

Michel Stewart (1989) foi o primeiro antropólogo a pensar a noção de torna-se cigano, ao identificar entre os Rom na Hungria um modo de vida orientado para o presente sem perspectiva de continuidade em relação ao passado, distanciando-se da conceituação de grupo étnico elaborada por Barth (1998) e, por conseguinte utilizada para estudos de processos de construção de afirmação de identidade diante de não ciganos; e, adotada nos estudos sobre ciganos no Brasil; Goldfarb (2004), Silva (2010) e Souza (2011).

No Brasil, as primeiras etnografias influenciadas pela perspectiva teórica de Stewart (1989) foram às de Ferrari (2010) e Fotta (2012), com o propósito de descrever como são construídos modos de vida calons na própria sociedade dos não ciganos, privilegiando a categorias nativas. De modo mais detido Ferrari (2010) preocupou-se em mostrar em sua etnografia entre os calons em São Paulo como entre esses indivíduos a ideia de pessoa é pensada pela “noção de vergonha”.

O jeito cigano ou calonidade expresso por esse universo envolto de vergonha, isto é, um conjunto de condutas e práticas esperadas pelos calons e expressas principalmente no corpo feminino, cria um contraste com o mundo dos não ciganos por meio de distinções, sem necessariamente pressupor um conjunto de traços fixos, isto é, de ordem cultural, possíveis de ser encontrados em outros contextos sociais. Ao fazer essa afirmação, a autora distancia-se da noção de “identidade calon” e invoca o aspecto processual da calonidade, ou seja, do fazer-se cigano como sendo contínuo.

Como um processo inacabado, a calonidade precisa ser reafirmada cotidianamente por meio de práticas e/ou modos de pensar. Para Ferrari (2010) não existe um “cigano” *a priori*, mas apenas constituído dentro de um universo cultural. Tornar-se um cigano é um processo demorado que demanda o tempo de uma vida inteira; “Um *gadje* não se define por uma “essência”, mas é, antes, um *sujeito em relação*, passível de transformação. Um *gadje* que empreende o processo de “virar” calon está sempre “em processo”, um movimento constante que jamais se efetiva totalmente”.

Entre os ciganos em Sobral, a “calonidade” se expressa pela reafirmação do modo de viver em família e nas relações de solidariedade. Ao interiorizarem a maneira de um cigano viver, os não ciganos (as) são vistos como integrantes de uma rede de relações familiares. Esse aspecto é fecundo para pensar o caso de Bia, no sentido de que a partir do momento em que ela passou a viver com Itamar, ou como ela disse “no meio dos ciganos”; na condição de sua esposa, esperava-se dela outras posturas e comportamentos condizentes com as observadas entre outras ciganas da família.

Para realização da coleta de dados, realizei visitas a residência de Bia, localizada na cidade de Fortaleza, Ceará, durante os anos de 2013 e 2014. Nesses momentos, tivemos diversas conversas informais durante as quais eu fazia anotações em um diário de campo, bem como outras gravadas com seu consentimento.

Ao tomar a narrativa de Bia não pretendo tratá-la como uma totalização da vida marcada por uma sucessão de acontecimentos, pois como já afirmara Bourdieu (1998) isso seria uma “ilusão biográfica” no sentido de que o relato biográfico ancora-se no pressuposto “de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto”. Ou seja, o autor está chamando atenção para o fato de que o enredo de uma vida não assume uma perspectiva linear com direção ao um fim.

As narrativas biográficas precisam ser compreendidas como um percurso em rede, no caso de Bia, dentro do universo da cultura cigana. Ao lidarmos como a reconstituição de trajetórias de vidas não se pode esquecer que os sujeitos fazem um enquadramento da memória (Pollak, 1992), ou seja, alguns acontecimentos são escolhidos para serem lembrados e outros não. Sendo assim, as memórias de Bia não serão tomadas com uma verdade em si, mas como construções feitas no presente para a leitura de um passado, recompondo em certa medida, sua identidade social enquanto pessoa em oposição à noção de pessoa cigana.

A escolha por narrar a história de Bia não se deu de forma aleatória ou simplesmente porque ela concedeu duas entrevistas gravadas em momentos diferentes. É preciso ressaltar que apesar de Bia, atualmente, viver distante espacialmente dos ciganos continua incluída na “rede de relacionalidade calon”, mostrando-se sempre disposta a ajudá-los em momentos de necessidades, sendo alguém em quem podem confiar.

**A HISTÓRIA DE BIA**

Bia é uma não cigana de 51 anos de idade, oriunda do estado do Piauí. Ela mora atualmente no bairro Sítio Siqueira na cidade de Fortaleza em sua casa própria e vive em união estável com Chiquinho. Formada em magistério do 1º grau, trabalha em uma escola particular especializada nas modalidades de Educação Infantil e Fundamental I, pertencente a parentes de sua família, atuando como professora; e está concluindo a graduação no curso de pedagogia em uma faculdade particular.

Aos 18 anos de idade, Bia já tinha sido casada e deixara o seu primeiro marido com quem teve um filho. Acostumada com sua independência, não se interessava em voltar para casa de seus pais e viver sob suas ordens. Por isso, passou a morar sozinha em uma pensão na cidade de Teresina, no Piauí, e para se manter financeiramente, começou a trabalhar em um salão de beleza.

Ela conheceu Seu Itamar na pensão onde morava. E, devido um conjunto de situações adversas, acabou deixando a cidade para viver ao seu lado. De Teresina, eles seguiram para Parnaíba no estado do Piauí onde Seu Itamar morava próximo de sua família composta de pais e irmãos. Até chegar lá, Bia ainda não tinha tomado conhecimento do fato de Seu Itamar ser um cigano. Nem tampouco, sabia ao certo o significado de “ser cigano”; apesar de ter ouvido ao longo de sua vida menção a indivíduos identificados por esse nome. Mas nos primeiros dias vivendo entre os ciganos, Bia deparou-se com um “modo de vida diferente” quando comparado com ao que tinha experimentado durante sua vida até aquele momento. Nos termos de Wagner (2012), a percepção de Bia em relação ao modo cigano de viver promoveu um “choque cultural”. Sem hesitar, perguntou a Seu Itamar o que significava “ser cigano”. Seu Itamar lhe explicou com poucas palavras que cigano era um indivíduo que não tinha parada.

Em um primeiro momento, essa resposta foi suficiente, servindo para explicar o fato de Seu Itamar se reconhecer como cigano e justificar os deslocamentos de um lugar a outro com certa frequência. Com o passar dos dias e a vivência cotidiana com a família de Itamar, Bia começou a perceber que “ser cigano” ia muito além do fato de viver andando de um lugar para outro, “sem parada” como lhe respondeu Seu Itamar.

Eu não sabia nem o que era cigano na minha vida. Aí eu fui descobrindo aos poucos. O modo de viver era muito estranho pra mim a maneira como eles encaravam a vida. Até as músicas pra mim eram estranhas que eles gostavam muito de sertanejo e era uma coisa que eu nunca tinha escutado. Eu ouvia brega. Ouvia música romântica. Roberto Carlos, por exemplo, que era o da época mais... Música sertaneja, eu mesmo vim ouvir no meio de cigano. Então eu fui assim, eu achava aquilo diferente e aí eu fui percebendo. O pessoal chamava cigano e não sabia o que era. Depois foi que eu fui entender pela maneira de como eles viviam. Eles não paravam. Eles não tinham pouso. Era pessoas que só se preocupa com o dia de hoje. A maneira como eles vivam pra mim intrigava porque eu não via ninguém sair para trabalhar. Não via ninguém ter um serviço fixo. E todo mundo tinha dinheiro. Todo mundo tinha carro e aquela coisa toda (Bia, conversa gravada, fev./2014).

Tudo, aos olhos de Bia, era “estranho”. Músicas que não costumava escutar, deslocamentos constantes, cada dia vivido sem preocupação clara com o futuro. E novamente, tudo ainda parecia mais estranho, nesse ponto sem esconder o fascínio, ao perceber que mesmo sem emprego fixo o dinheiro não faltava, não deixavam de comprar bens. Bia, entre fascínio e estranhamento, a cada dia, percebia naquela vida um aprendizado e uma distinção sobre um modo de ser, muito mais complexo do que qualquer coisa que vira antes e que lhe fora ensinada, nos seus poucos 18 anos de vida.

Soma-se a isso, a maneira de como resolviam os problemas cotidianos por meio das “emoções[[5]](#footnote-5)”, levados por um discurso do “coitadinho”, isto é, aquele que precisa de apoio/ajuda, mesmo quando reconheciam como sendo errada a postura de um membro da família em algumas situações. Ela pelo contrário, era racional e, por isso, era imediatamente definida como jurin, “por não ter coração, “não gostar de ninguém”.

Ao acionar a sua racionalidade e contrapô-la a emotividade calon, Bia está se fundamentando nos princípios que organizam a vida em sociedade, reprovando condutas como dirigir embriagado, brigar com não ciganos entre outras. Em outras palavras, as práticas e os modos de pensar dos ciganos eram construídos em oposição aos seus.

Tendo em vista essas diferenças, no início, a família de Seu Itamar mantinha um distanciamento dela e não faziam nenhum esforço para integrá-la nas situações cotidianas. Isso ficava perceptível para Bia quando eram feitas comparações entre ciganos e não ciganos baseadas em princípios de diferenciação, sem considerarem se o modo como falavam dos não ciganos seria interpretado por ela como uma ofensa: “Eles faziam sempre questão de distanciar quem era cigano e quem não era. Tinha o negócio de comparar: cigano é assim, jurin é assim. Falar de juron como se não tivesse na frente da gente falando”. Ou seja, não se perdia uma oportunidade para deixar clara essa distinção.

O ato de comparar, aqui, pode ser pensando como um exercício de classificação no qual os ciganos selecionam como base em seu “repertório” cultural, elementos para incluir os semelhantes e excluir os outros. Vivendo entre os ciganos, a situação se invertia; Bia era tratada de forma preconceituosa por ser diferente. Por isso, Bia afirmou diversas vezes em nossas conversas que nunca se considerou uma cigana mesmo sendo um membro da família, e, sim, alguém incluída na família.

O distanciamento ao qual se refere Bia, não ganhava forma apenas por meio de comparações verbais. No dia a dia, a convivência em família era restrita. A exemplo, sua casa era menos visitada por sua sogra, D. Adelina, do que as das calins. Na maioria das vezes, ela ia lá quando Seu Itamar chegava de viagem ou em dias de festa. Ademais cada um vivia em sua casa, mantendo relações “sociáveis”, ou seja, contatos amigáveis.

Ela (fazendo referência a sua sobra Dona Adelina) ia mais na casa da Nazaré porque era cigana. Ela saía da casa dela pra ir na casa da Neci que era filha dela, cigana. Ela vinha para o bairro Sumaré. A gente morava no Sumaré, mas não vinha para nossa casa. Passava lá, mas ia lá pra casa dos outros ciganos. Eu acho que era mais pelas histórias, pelas conversas. Porque queira ou não, mesmo a gente vivendo no meio, convivendo, querendo ser, existe uma diferença. No falar, no modo de tudo. De receber. Sei lá. De tratar existe a diferença. Então era isso. Ela frequentava mais a Nazaré do que as outras. Muito mais. (Bia, conversa gravada, fev.2014)

Para Bia, o fato de D. Adelina não ir a sua casa estava relacionado com a falta de assuntos comuns para serem conversados. Diferentemente das outras ciganas que viveram experiências semelhantes às de D. Adelina. Mas basta nos atermos a outros elementos que percebemos que no final de contas, Bia percebia um abismo entre a forma de ser dela, jurin, e D. Adelina, cigana, tendo como referência práticas constituidoras da maneira cigana de viver. Dito de outra maneira, mesmo convivendo no mesmo espaço, o modo de falar, o tom de voz, receber as pessoas em sua casa, conversar, não produziam uma aparência condizente com o “jeito cigano” ou calonidade (Ferrari, 2010).

Após o nascimento de seus filhos, Biamara e Bruno, a situação permaneceu da mesma forma. Era visível como D. Adelina tratava de forma diferenciada os seus filhos pelo fato de serem oriundos da relação entre uma não cigana com um cigano. Para Bia, os demais netos fruto da união entre um cigano com uma cigana eram os “preferidos”.

A condição de cigana de Bia adicionada ao fato de já ter sido casada, era ainda um elemento gerador de conflitos abertos, com seu sogro, Rotiro. Ele não aceitava o fato de seu filho Itamar ter casado com uma mulher não cigana e, sobretudo, pelo fato de não ser virgem. Seu Rotiro não perdia uma oportunidade para chamá-la pejorativamente de rapariga e dizia que no dia em que cruzava com um juron ou uma jurin estava “azalado”, isto é, não teria sorte naquele dia. Diante dessa postura de seu sogro, Bia nem sempre ficava calada, chegando a discutir abertamente com ele.

Para contextualizar essas reflexões de Bia, faz-se necessário inseri-la na forma de como os ciganos se pensavam na época momento em que Bia começou a viver entre eles. Nesse período, havia uma valorização moral da virgindade feminina. Quando as meninas completavam sete anos de idade, o pai tratava de arranjar o seu futuro marido. Com aproximadamente 12 anos era realizado o casamento, tanto no civil como no religioso. Em alguns casos, chegava-se a fazer alterações no registro de nascimento para que fosse autorizado o casamento.

Ao indagar Bia acerca dessa prática, ela me ofereceu duas explicações. A primeira que essa era uma “tradição cigana”. Não podemos desprezar, todavia, o fato de que as tradições são criadas em determinados contextos com o propósito de garantir a estabilidade da vida em sociedade diante das mudanças pelas quais passam (Hobsbawn, 2012). Ou seja, as tradições reforçam as condutas dos sujeitos. Entre os ciganos, a tradição servia para justificar os casamentos das ciganas com pouca idade e evitar assim, que elas se tornassem “raparigas”, ou seja, se envolvem em relacionamentos amorosos antes do casamento e, por conseguinte se tornassem motivos para comentários, envergonhando a todos da família.

A outra explicação dada por Bia foi à de que os casamentos realizados entre membros de uma mesma família ou de famílias diferentes tinham como finalidade criar alianças, congregando o maior número de pessoas, do sexo masculino, diante das possíveis eventualidades que surgissem ao longo da vida, uma vez que a vida de um calon é marcada por instabilidades, entre eles os atos de violência fosse com não ciganos, mas principalmente com outras famílias de ciganos.

Os casamentos eram marcados por um ritual no qual um tecido sujo de sangue da noiva atestava sua pureza e mostrava diante da família a honra do pai. O ápice desse ritual era uma festa na qual participava os parentes do noivo e da nova. O pai da noiva por sentir-se honrado festejava durante “três dias e três noites seguidas”.

Ferrari (2010) percebeu com base na observação de casamentos ciganos no estado de São Paulo que a “prova” da virgindade expressa por meio de um tecido manchado de sangue “se insere no universo cosmológico da vergonha como um valor a ser *mostrado* para todos”; isto é, é uma performance da calonidade.

O casamento da filha de Bia, Biamara, é um desses exemplos. Aos 12 aos de idade, Biamara casou com seu um primo, Adalmir, que tinha na época uns 25 anos. O casamento foi arranjado por seu pai, Itamar. Bia me disse que pediu muitas vezes para Seu Itamar não realizar o casamento, sob o argumento de Biamara ser apenas uma “menina”.

Apesar dos pedidos de Bia, Seu Itamar não lhe deu atenção. Após o casamento, Biamara ficou casada apenas um mês com Adalmir. Ao comunicar a sua decisão de separar-se, seu pai não aceitou a postura de sua filha e Biamara passou a morar com sua mãe na cidade de Fortaleza. Foi necessário um bom tempo para que Seu Itamar voltasse a ter contato com a filha. Hoje, Biamara mora em uma casa ao lado de seu pai e seu primeiro marido, Adalmir, também mora próximo.

Além da valorização moral da virgindade o sogro de Bia considerava que a união de um cigano com uma não cigana levaria a mistura de “raças” repercutindo diretamente na perda de costumes que expressavam a diferenciação entre ambas as partes.

Diante dessa percepção, Bia tratou de se aproximar do modo cigano de viver, procurando adaptar-se. Por meio da observação dos comportamentos e práticas calons, ela começou a assimilar novos hábitos, pois ninguém parou para lhe explicar como uma mulher não cigana deveria agir entre eles. Segundo Bia, a um cigano, nada se ensina diretamente, tudo se aprende em um processo intrínseco que se dada pela vivência com o outro[[6]](#footnote-6), principalmente entre os homens.

Inicialmente, ela procurou aprender o chibi[[7]](#footnote-7), pois sendo uma de fora não conseguia compreender em muitas situações diárias o quê os calons conversavam entre si. Muito atenta, logo percebeu que o uso do chibi era sempre acompanhado de gestos ou da indicação ao que se referiam, fosse um objeto, pessoa, animal.

Os seus esforços, todavia, pareciam não ter efeitos práticos. Os tratamentos preconceituosos relacionados à sua condição de não cigana permaneciam, pois naquele tempo, me disse Bia: “Como eu estava dizendo eu cheguei à época que ainda não era comum ter jurin, morador, como eles chamam, no meio deles. Que eu sabia só tinha a Célia e Carmelita. Havia um preconceito muito grande. Muito grande mesmo. Mas assim, eu passei pelo preconceito que eu não conhecia nada. Não sabia nada dos costumes”. Bia se sentia uma estranha em meio aos calons, principalmente por não conhecer os seus “costumes”.

Bia ainda relembrou que apenas duas jurins até o momento de sua chegada eram a exceção na família “dos ciganos”: Mesmo não havendo nenhuma proibição expressa, essa não era uma prática bem vista, principalmente aos olhos dos mais velhos. E, como Bia não compartilhava do modo de vida cigano mesmo estando vivendo entre eles, era tratada como indiferença, sentindo-se como alguém que vive distante.

O modo como eles viviam e claro que as pessoas lá iam ser mais próximas das pessoas que moravam lá. Era como era cigano, embora eu vivesse no dia a dia, no meio da sociedade. Mas para eles, juron era uma convivência a parte. Eram pessoas a parte. Juron para eles só servia para ganhar dinheiro. Para ser roubado. Para ser enganado porque cigano se acha muito esperto. Quer levar vantagem em tudo. E eles só levavam vantagem em cima de juron. Então, para eles juron só servia para isso. Para naquela época juron viver no meio de cigano tinha que ralar mesmo. Tinha que mostrar que tinha força de vontade porque nas primeiras se não tivesse muito caráter, caía fora. Eu pelo menos sofri muito. Negócio de preconceito. De você se sentir menosprezada pelo o que você é. Diminuído. Quando você chegava assim em uma festa cigana, por exemplo, você tinha que se adaptar aquela maneira deles. Você fosse convidada para um casamento, você tinha que se adaptar. Se vestir daquela maneira. Mas mesmo você estando vestida, quando ia lhe apresentar não dizia: é a mulher de fulano, é a jurin de fulano. Já fazia questão de dizer que você era uma jurin. Que não era uma cigana. Até porque era muito diferente. Você já era conhecida até pelo modo como você fala porque cigano já fala de uma maneira diferente. É o mais arrastado. É aquela coisa mais sei lá mais chorosa. Até na fala você já é conhecida que você não é jurin. Mas tem aquelas pessoas que vai pro meio e começa a perder sua identidade também. Quer se inserir e já começa a imitar a que fala daquele jeito. Eu acho assim que eu nunca arrastei muito. Nunca me prendi a querer falar, imitar eles não que eu não sou nem papagaio. Mas eu procurei aprender tudo o que eles tinham para me ensinar. Tudo o que o cigano podia me ensinar eu aprendi (Bia, conversa gravada, fev./2014).

A fala era um dos traços mais visíveis de sua condição de jurin diante de outros calons, pois mesmo conseguido falar em chibi não assimilou o ritmo prosódico. Como mostrou Ferrari (2010) à língua é um dos elementos constituidores da calonidade entre os ciganos em São Paulo, compondo-se em um universo marcado pela emotividade. Outros elementos, contudo, também podem ser elencados para mostrar essa diferenciação, segundo Bia, como nas situações em que estava vestida nas festas como as ciganas, mas quando alguém perguntava de quem ela se tratava a resposta era a seguinte: “e a jurin do fulano”. Ou seja, fazia-se questão de enfatizar a sua condição de não cigana.

A maneira como os calons viam os não ciganos aumentavam esse distanciamento. Um não cigano (a) era visto por um cigano (a) como alguém de quem se pode tirar algum tipo de vantagem, demonstrando entre si, esperteza. Dessa forma, os não ciganos tinham um lugar estabelecido *a priori* dentro dessa concepção calon de vida quando se relacionavam com a sociedade mais ampla. Ferrari (2010) observou, principalmente nas situações de negociações entre calons e não ciganos em São Paulo relações similares; “nas transações com os gadjes, a vantagem está além do valor absoluto das coisas; ela constitui uma diferença ligada ao fazer-se calon. A relação deve produzir essa diferença”. Ou seja, a ciganidade.

As situações descritas por Bia, a levam a definir sua relação nos primeiros anos com marcadas por um distanciamento, de preconceito e diferenciação velados, motivadas por sua condição de não cigana e pelo não compartilhamento dos modos de vida dos calons. Para Bia, o período de adaptação foi muito difícil e caracterizado por muitas resistências de ambas as partes. Mas ela nunca “baixou a cabeça”, procurando aprender os que os calons podiam lhe ensinar.

Sua posição começou a mudar entre os ciganos, quando ela começou a ser vista com alguém de quem eles poderiam obter algum conhecimento útil para vida deles, da mesma forma que se mostrou disposta a aprender a viver a maneira deles.

E eu sinto assim, que eu passei a fazer parte da família porque eu comecei a conquistar meu espaço. Primeiro deles foi quando eu comecei a mostrar pra eles que eu tinha coisas que eles não sabiam e que podia ensinar pra eles. Assim como eles podiam ensinar pra mim também. E uma das coisas era o meu conhecimento de leitura, letramento. E quando eu comecei a ensinar o Itamar a assinar o nome pra tirar documento. Quando eu comecei a aprender o meio de vida deles. Quando eu comecei a me interessar do que eles gostavam. E ter consciência de como era viver em meio de cigano. Que a mulher pra viver no meio de cigano ela tem que ser uma Amélia. Submissa. Coisa que eu nunca fui muito. Mas eu procurei pelo menos viver em paz, me adaptando com as situações deles. Tinha certas coisas que eu não aceitava não (Bia, conversa gravada, fev./2014).

Mesmo não tendo concluído o Ensino Médio, Bia dominava a leitura e a escrita, habilidades incomuns entre os ciganos naquele período. Ela passou a ensinar Seu Itamar a escrever seu nome, possibilitando-lhe tirar documentos de identificação oficial, como RG e CPF. A partir desse momento, os ciganos começaram a ver Bia como alguém que podia ajudá-los a mediar contatos com um mundo não cigano ao seu redor marcado pelo letramento. Ela também passou a oferecer menos resistência e assimilou paulatinamente o modo cigano de viver, aprendendo a viver com uma cigana. Aceitando em certa medida, a posição de submissa relegada às mulheres ciganas e todas as “restrições” impostas: “As restrições eram tão grandes que mulher de cigano ela só tinha a obrigação de calar e calar de novo”. Diferentemente das outras mulheres, ela sempre “bateu de frente” com seu marido, questionando sua autoridade.

Dentre todas as questões abordadas por Bia nas duas entrevistas gravadas e em outras conversas informais, essa condição de subordinada reservada às mulheres entre os ciganos teve o se lugar de destaque. Na sua perspectiva, ainda nos dias atuais com todas as mudanças pelas quais os ciganos passaram com a inserção nos modos de vida em sociedade, as relações entre homens e mulheres são estruturadas em um plano assimétrico. A exemplo, em alguns casos a mulher tem a obrigação de viver ao lado de seu marido, mesmo diante de uma traição. No passado, a mulher em hipótese alguma podia voltar a viver na casa de seus pais, afinal, seria vista como rapariga e envergonharia toda a família.

Se por um lado, as barreiras entre Bia e a família de Seu Itamar começavam a ser diluídas, por outro, novas limitações surgiam. Dentre elas, a não aprovação por parte de Seu Itamar de que ela estudasse ou tivesse algum emprego formal. Postura também assumida por outros homens. Bia procurou superar cada uma à sua maneira. Apesar de seu Itamar não aceitar, ela deu continuidade aos seus estudos depois que vieram morar em Sobral por volta de 1984. A sua insistência era motivo para constantes brigas entre ela e Seu Itamar. Mas ela resistiu e conclui o magistério. Segundo Bia, estudar era a maneira de minimizar essa condição de mulher relegada no contexto das relações entre ciganos.

As limitações impostas a Bia se conectam em alguns pontos a etnografia de Ferrari (2010) quando mostra como o corpo feminino é pensado entre os ciganos como um espaço privilegiado de produção de vergonha em oposição do mundo dos não ciganos, devendo expressar a “pureza”, sendo, portanto um “objeto de preocupação e controle”. A autora não desconsidera as aproximações entre os significados atribuídos pelos ciganos à categoria de vergonha com a dos brasileiros e suas variações em diferentes contextos. No universo cigano, a vergonha tem uma perspectiva totalizante que dar conta da estrutura da vida social e se constitui com a negação do mundo dos não ciganos. Em outras palavras, a vergonha é um conceito disciplinador que orienta as práticas no presente por meio das quais os ciganos também se criam como pessoas morais.

Retomando ao caso de Bia, ela não teve como exercer nenhuma profissão formal. Contudo, não se conformava em passar o dia em casa como faziam as outras calins esperando os homens chegaram das viagens que realizavam para fazer negócio, aumentando ainda mais da dependência em relação a seus maridos. Como uma jurin sempre trabalhou durante toda a sua vida. Foi quando Bia decidiu “ganhar dinheiro” da mesma forma que os calons, tornando-se irmã Beatriz: “Quando eu vi que eu não podia trabalhar fora. Então eu fui aprender a fazer o que eles faziam. Pra eu viver lado a lado ali”. Ao agir desse modo, Bia começaria a traçar outros caminhos em meios aos calons.

**3. Virando Irmã Beatriz e a retomada da vida de jurin**

Desde cedo, Seu Itamar viveu “a sombras de seus irmãos”, como afirmou Bia, ou seja, havia uma relação de dependência quando ele viajava na companhia de seus irmãos, Paulo e Ramim, para fazer negócios na condição de um ajudante e recebia deles um pagamento irrisório. Com o nascimento dos filhos e a vinda para morarem em Sobral, o ganho de Seu Itamar tornou-se insuficiente para garantir o sustento dele e de sua família nuclear.

Diante das dificuldades diárias, Bia começou a estimulá-lo a procurar seus próprios meios de sobrevivência, tornando-se independente em relação a seus irmãos, pois via nele a possibilidade de ganhar dinheiro da mesma forma que os outros homens calons. Mas foi necessária uma situação extrema para que ele tivesse essa tomada de consciência. Isso ocorreu em 1986 quando ele adoeceu e a família não fez nenhum esforço significativo para ajudá-lo.

Bia precisou “se virar sozinha”, isto é, arranjar meios de garantir o sustento de sua família. Quando Seu Itamar se recuperou Bia insistiu para ele começar a viajar sozinho. Os dois começaram a traçar novos caminhos em um processo de cooperação mutua. Inicialmente, iam às feiras no centro da cidade de Sobral e cidades vizinhas realizando qualquer tipo de atividade que lhes possibilitasse conseguir dinheiro para as despesas mais básicas, principalmente alimentação. Mesmo conseguindo pouco dinheiro, compravam alimentos a serem consumidos no intervalo de uma semana.

O passo seguinte foi passarem a utilização de emissoras de rádios como meio de divulgação do “trabalho” de atendimento, como seus irmãos já o faziam. Como Seu Itamar ainda não sabia ler e escrever Bia o acompanhava e se encarregava da leitura do horóscopo, gravar as vinhetas de propagandas que ficariam sendo exibidas nas rádios quando não estivesse nas cidades onde realizavam os atendimentos, lia as cartas no ar e as respondia. Nesse momento, Seu Itamar começou a construir o seu próprio espaço, mostrando diante dos calons a capacidade de “fazer a vida”, conseguindo, assim, sua independência e meios próprios de viver bem.

Aos poucos, Bia foi aprendendo a “ganhar dinheiro” da mesma forma que os ciganos; por meio da prática de atendimentos, fazendo uso essencialmente da retórica. Mesmo insegura, nos dias em que Seu Itamar bebia um pouco mais durante a noite e amanhecia o dia dormindo ou de ressaca, Bia se encarregava de ir à rádio e fazer o programa. Dessa maneira, começou a adquirir experiência, aprendendo a conversar com as pessoas e as persuadindo por meio de palavras dita de forma coerente. Ela e Seu Itamar passaram a viajar juntos para realização de atendimentos. Bia por ser mulher tinha mais facilidade em atrair os possíveis clientes. Nesse momento ela passaria a se autodenominar como Irmã Beatriz, realizando atendimento em Sobral e nas cidades vizinhas da Região Norte.

Ao se tornar irmã Beatriz e a obter dinheiro como faziam os homens ciganos, Bia romperia com o ideal de vida relegada a maioria das mulheres calins, viver em casa e cuidar dos filhos. Com exceção de D. Nazaré que após passar a viver com Seu Ramim também começou a viajar junto com ele e também a realizar atendimentos até os dias atuais. A postura de Bia, passou a ser bem vista pelos demais membros da família, ganhando o respeito e consideração da família. Em muitas das conversas com D. Nazaré durante a pesquisa de campo, ela fazia questão de ressaltar o quanto Bia se dispôs a viver da mesma maneira que eles.

Ao tecer comparações entre ela e outras jurins que viviam entre os ciganos, Bia percebe sua postura como diferenciada no sentido de que se dispôs a aprender a maneira de viver dos ciganos. Ao contrário de que não assimilaram os costumes e valores compartilhados pelos ciganos. Essa sua disposição aproximou-a da família e também lhe proporcionou adquirir um conhecimento que se constitui como uma bagagem para sua vida atualmente.

Com o passar dos anos e a medida que os filhos foram crescendo, Bia diminui as viagens gradativamente. Ela já se sentia muito cansada e decidiu parar por um tempo. Mas ela não gostava a ideia de depender financeiramente de Seu Itamar e decidiu comprar uma máquina de costura. Juntamente com uma amiga, começou a realizar pequenos serviços para os moradores da rua onde morava. Seu Itamar não gostou de sua atitude e mais uma vez colocou uma série de empecilhos, principalmente porque a atitude de Bia poderia ganharia proporções públicas diante da família colocando sua honra em questão, pois se espera que um homem cigano garanta a sobrevivência de sua família. Mas contra a vontade de seu marido, ela deu continuidade.

Seu Itamar passou a viajar sozinho e ficar períodos muito prolongados sem retornar a cidade de Sobral. A relação entre eles começou a ficar desgastada. Bia resolveu separar-se e voltar para próximo de sua família materna na cidade de Fortaleza. Como sabia que ele não aceitaria a separação resolveu sair de Sobral sem lhe comunicar. Dias após estar em Fortaleza, ao conversarem com ele por telefone Bia informou sua decisão.

Seu Itamar não aceitou “perde-la”, tornando a separação muito difícil. De acordo com Bia, o que estava implícito nessa ação de Seu Itamar de recusa a sua decisão, tinha uma relação direta como ele seria visto pelos demais membros da família; demonstrando fraqueza e colocando em outra perspectiva comentários em torno de sua honra. Além disso, Seu Itamar quis ficar com a guarda dos filhos, chegando a ir a Justiça legal fazer uma denúncia de sequestro.

Bia, mais uma vez, se deparou com a resistência de Seu Itamar e os dois entraram em um acordo em relação à guarda dos filhos. No período de férias do ano letivo, janeiro e julho, por determinação da Justiça legal, Biamara e Bruno deveriam ficar com seu pai na cidade de Sobral. Nessas idas e vindas, seus filhos resolveram morar com o pai, tendo em vista que desde criança foram criados “com seus costumes” ciganos e não precisavam conviver com o preconceito oriundo da família materna que tratavam seus filhos de modo distinto por serem filhos de um cigano.

Para Bia, ainda é preciso considerar que vivendo próximo do pai, os filhos levavam uma vida menos regrada do que a que tinha com ela em Fortaleza, principalmente porque não havia incentivos por parte do pai para que estudassem. Nem tampouco sua nova esposa. O período que estudaram foi sempre por sua iniciativa, afinal, os ciganos não valorizam a educação do mesmo modo que os não ciganos, como sendo a única maneira de garantia “no futuro”.

Como já tinha concluído o magistério passou a trabalhar em uma escola de educação infantil pertencente a sua família e exerceu a profissão de professora durante três anos. Nesse período conheceu seu atual companheiro, Chiquinho, com quem vive em união estável. Cansada da profissão de professora e do pouco retorno financeiro, voltou a realizar atendimentos em cidades do interior do estado do Ceará como irmã Beatriz. Como não conseguiu conciliar as viagens com sua nova relação amorosa, optou por ficar em Fortaleza e voltar a exercer o magistério.

**4. Um olhar sobre o passado**

Decorridos quase dezessete anos do tempo em que Bia viveu entre os ciganos na condição de membro da família, ela olha para o passado com os olhos do presente e tece suas comparações. Muitas destas operam no sentido de mostrar como o modo cigano de viver é significativo para esses atores sociais e, marcado por uma lógica própria, mesmo não concordando com determinadas posturas. E, como foi viver entre eles, precisou se adequar aos “costumes” ciganos.

A parte mais interessante assim pra mim de experiência no meio dos ciganos que eu vivi dois lados da moeda. Vivi a parte difícil de me adaptar no meio deles e vivi a parte boa quando eu já aprendi a conviver e eles aprenderam a respeitar a minha convivência. Mas que tive que me adaptar aos costumes deles. E não eles aos meus. E o legal disso tudo é que tudo que eu pude absolver de conhecimento de prática, de teoria, de costumes deles. Eu aprendi tudo. Desde a linguagem. De conviver com eles. De conhecer. De praticar o que eles faziam. E pra mim hoje eu digo pra você que o que eu sei o que eu sou vem da minha convivência com eles. Porque o colégio ensina uma prática muito grande, mas como os ciganos eu aprendi a viver o mundo. A experiência de mundo. Você saindo de um lugar pra outro, eu vivi viajando de um lugar pra outro. De cada dia. E cada dia você passando em um estado, em uma cidadezinha pequena. Você conhecendo as pessoas. Outras culturas. Outros costumes. Isso não tem colégio no mundo que ensine. Você pode estudar história pro resto da sua vida que esse conhecimento ninguém adquire. E isso aí eu devo a eles. A minha convivência com eles. E que me serve até hoje. Porque é um amadurecimento (Bia, conversa gravada, mar./2013).

Confrontos de percepções e modos de se ver e agir no mundo social emerge ao todo momento nessa fala de Bia. Nessa fala, é dada ênfase mais uma vez as resistências vivenciadas nesse período de adaptação ao modo cigano de viver e sobre como soube torná-lo positivo no sentido de extrair de cada situação um aprendizado obtido por meio dos deslocamentos de um lugar a outro, isto é, uma prática percebida como um saber que não é adquirido no espaço da escola por meio da acumulação de um conjunto de saberes acumulados ao longo da história da humanidade.

Ao fazer essa reflexão tendo como referência sua história de vida, Bia percebe como os ciganos também mudaram com o passar dos anos, diminuindo, em certa medida, a resistência em conviver de forma mais aberta com não ciganos, mesmo os contatos entre essas duas partes sempre tenham existido.

É como eles mesmo dizem; eles só pensam no dia de hoje. O dia de amanhã eles não se preocupavam porque eles não sabiam se iam tá vivo. Então tudo que eles pegavam, tudo que eles ganhavam... Duas coisas que eles pensavam muito: é no comer, que são muitos fartos dentro e casa; e a outra era se mostrar visualmente bem vestido. Mas aí o tempo vai passando. Na medida que o tempo passa as pessoas tem que ir acompanhando a evolução. Aí começaram a comprar casa. É como se diz; buscar pra eles mesmo, pra dentro da cultura deles mesmo alguns modos dos moradores. Alguns costumes. Já se relacionava melhor com as pessoas. Alguns já estavam frequentando colégios. Outros que não sabiam ler já tinham aprendido a fazer o nome. Já haviam conseguido tirar seus documentos. E eles foram se inserindo na sociedade (Bia – conversa gravada, mar./2013).

Os ciganos, afirma Bia, continuam vivendo para o presente, valorizam a alimentação farta e mostrar-se diante dos outros bem vestidos. Com o passar dos anos, todavia, e a diminuição dos ritmos das viagens, os calons começaram a incorporar a cultura cigana modos de vida em sociedade; comprar casa, frequentar a escola, aquisição de leitura e escrita, tiraram documentos de identificação oficial. Levando em conta esses aspectos, os próprios ciganos admitem que se parecem mais com os “moradores” do ponto de vista de aparência externa, isto é, dos modos de vida em sociedade.

Os jurons e jurins se tornaram presença constante em suas casas, tanto como parentes como desempenhando funções remuneradas. Algo não imaginável em outros momentos de suas vidas. Essa convivência diminuiu formas de preconceitos em relação aos não ciganos. E hoje, um casamento entre um cigano (a) e um não cigano (a) se constitui como a realidade marcada por menos resistência. Partindo dessa reflexão de Bia, perguntei a Bia como ela percebe o processo de inserção de Márcio no universo cigano.

Segundo Bia, a entrada de Márcio “foi mais simples” apesar dele ser homem, ou seja, houve menos resistência por parte dos outros calons em aceitá-lo como membro da família, pois os calons já tinham mudado em alguns aspectos o seu modo de pensar. Pelo contrário, sua filha Biamara foi quem sofreu preconceito em ser aceita como membro da família de Márcio: “Nesse caso, foi a Biamara que sofreu preconceito da família do Márcio por ela ser cigana. Porque a família do Márcio fala: a cigana, o cigano só serve para roubar. Cigano não respeita ninguém. Cigano não trabalha, rouba. A família do Márcio foi quem teve preconceito. Já os ciganos com o Márcio o preconceito já foi menor”.

O preconceito sofrido por Biamara não se limita apenas a opiniões pré-concebidas, mas a um processo de estigmatização (Goffman, 1963) como constataram Goldfard (2004), Silva (2010) e Souza (2011) ao analisar em diferentes contextos de pesquisa as representações coletivas construídas pelos não ciganos para definirem os ciganos a partir de atributos negativos, promovendo formas de segregação e/ou exclusão social.

Márcio, decerto, sofreu menos resistência para viver em uma família de ciganos. Mas teve que percorrer um caminho semelhante ao de Bia e aos poucos foi se adaptando a maneira cigana de viver. Em um conversa com sua esposa, Biamara, no mês de janeiro de 2014, ela me disse que quando começaram a namorar “tudo em Márcio era diferente”, a exemplo, o modo de comer, tinha emprego formal. Passados dez anos vivendo entre os calons, Márcio é considerado um cigano por viver com tal no olhar de sua esposa: “Ele se adaptou as nossas coisas. Adaptando a nossa família” e hoje, o Márcio me diz que prefere viver assim. Já se acostumou. Se sente realizado. Pelo menos é o que ele me diz”.

No início da união com Biamara, Márcio tinha uma loja de informática no centro da cidade de Sobral e realizava serviços para empresas locais e cidades vizinhas. Quando passou a viver com Biamara e os clientes souberam de sua união com uma cigana começaram a não procurar mais os seus serviços. Com a não procura dos clientes Márcio fechou a loja e começou a se aproximar do modo dos calons de conseguirem garantir a sobrevivência e começou a viajar na condição e ajudante de Seu Itamar nos dias que ele ia fazer os atendimentos nas cidades.

Seu Itamar logo soube reconhecer em Márcio alguém que poderia ser útil, pois dominava conhecimentos de informática e o manuseio de equipamentos tecnológicos. Márcio passou a auxiliá-lo em todas as etapas do atendimento: “Márcio operava as mesas de som, gravava programa, fazia as vinhetas, descobria coisas novas pela internet para eles incrementarem as propagandas dele”. De certo modo, Seu Itamar tornou-se dependente das habilidades as quais Márcio dominava.

A condição de ajudante de seu sogro era semelhante à de Seu Itamar quando viajava com os irmãos, segundo Bia. Bia por não concordar com a posição ocupada por Márcio passou a incentivá-lo a procurar seus meios de sobrevivência, afinal, já tinha adquirido experiência nas viagens com Seu Itamar. Quando Márcio começou a viajar sozinho, Seu Itamar não gostou e ficou um pouco diferente com ele, pois se sentiu “traído”. Apesar da postura do sogro, Márcio deu continuidade e conseguiu fazer sua vida de modo semelhante aos calons. Atualmente, ele de viaja com sua esposa e/ou sozinho para realizar atendimento, faz negócios, atividades de compra e venda de objetos, e empresta dinheiro a juros a não ciganos. Inegavelmente, aos olhos dos calons Márcio vive como cigano e compartilha qualidades compositoras da honra de um homem cigano.

À medida que Márcio começou a se estabilizar sobrevivendo da mesma maneira que os ciganos, Bia começou a incentivar sua filha, Biamara, a conseguir meios de ganhar dinheiro. Bia não queria no final de contas, que sua dependesse de seu marido e vivesse em situação de submissão a qual é destinada as calins e a que Seu Itamar tentou submete-la. Para Bia o seu o interesse era que sua filha também vivesse em pé de igualdade a seu marido. Hoje, Biamara também realiza atendimentos e viaja durante a semana como seu marido para atender em cidades vizinhas. Segundo Bia ela aprendeu a ser “virar” e caso venha a deixar seu marido terá meios de garantir sua sobrevivência e de seus filhos.

A história de Bia e Márcio se entrecruza à medida que precisaram se adaptar ao modo de vida cigano. No caso de Bia, ao qual me debruçarei como mais detalhes nesse texto, sua história é marcada por muitas tensões. Aos poucos, ela foi assimilando a partir das vivências cotidianas, “costumes”, modos de agir e pensar dotados de sentido para os calons. Retomar sua história é assim, uma maneira de perceber como se constrói o universo cultural cigano, como também este é marcado de rupturas e permanências.

**REFERENCIAIS**

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Morais; AMADO, Janaina. In: **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 183-191.

FERRARI. Florência. **O mundo passa: uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros***.* Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, 2010.

FOTTA, Martin. **The Bankers of the Backlands: Financialisation and the Calon-Gypsies in Bahia***.* Doctoral thesis, Goldsmiths, University of London, 2012.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **O “tempo de atrás”: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa – PB**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal da Paraíba - UFPB, 2004.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5. N. 10, pp. 200-212.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultua não é um objeto em vida de extinção (Parte I). In: **Mana**. 3(1):41-73, 1997.

SILVA, Lailson Ferreira da. **“Aqui todo mundo é da mesma família”: parentesco e relações étnicas entre os ciganos na Cidade Alta, Limoeiro do Norte – Ce**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

SILVA, Lailson Ferreira da. **A vida em família: parentesco, relações sociais e estilo de vida entre os calons de Sobral – CE**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

SOUZA, Virgínia Kátia de Arraújo. **“Ser domesticado e ser nômade”: um estudo sobre identidade cigana no município de Cruzeta – RN**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

STEWART, Michael. **The time of the Gypsies**. Boulder: Westview Press, 1997. 303p.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012. 381p.

1. Este texto faz parte das discussões realizadas na minha tese de doutorado: “A vida em família: parentesco, relações sociais e estilo de vida entre os ciganos de Sobral, Ceará, defendida em 2015 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. [↑](#footnote-ref-1)
2. O sobrenome Cavalcante consta nos documentos oficiais utilizados para fins de identificação junto ao estado brasileiro, tais como: certidão de nascimento, registro geral (RG) e cadastro de pessoa física (CPF). [↑](#footnote-ref-2)
3. Em sua tese de doutorado, “O mundo passa: uma etnografia dos Calos e suas relações com os brasileiros”, Ferrari (2010) opta por usar a nomenclatura calon em vez de cigano. Aqui, usarei a palavra cigano, pois reflete a forma como os ciganos em Sobral se autodenominam. [↑](#footnote-ref-3)
4. Jurons e jurins são palavras utilizadas respectivamente na linguagem cigana, chibi, para se referir a homens e mulheres não ciganos. [↑](#footnote-ref-4)
5. Ferrari (2010) ao distanciar da perspectiva biologizante, mostrou como entre os calons as emoções assumem uma dimensão sociocultural e se expressam por meio de performances no processo de produção da pessoa e da vida social com um todo, como no caso da linguagem oral. [↑](#footnote-ref-5)
6. Em sua etnografia, Ferrari (2010) analisou dois estudos de casos de não ciganos que passaram pelo processo de torna-se cigano. Em um deles, a sogra foi responsável por inserir a nora no universo da performance calon. [↑](#footnote-ref-6)
7. “Chibi é um repertório lexical derivado do romani – língua falada pelos ciganos no leste Europeu – incorporado a gramática do português” (Ferrari, 2010). Vale ressaltar que para os ciganos em Sobral o chibi é utilizado em situações nas quais querem se comunicar sem serem compreendidos pelos não ciganos. [↑](#footnote-ref-7)